



A Pichação na Univer(c)idade Pública: Desvelando Discursos Urbanos¹

Guilherme Lacerda SILVEIRA²

Leila Maria FRANCO³

Universidade do Estado de Minas Gerais, Frutal, MG

RESUMO

Este estudo pretende analisar, do ponto de vista discursivo, as pichações - letras (grafismos) e desenhos -, enquanto material discursivo, como forma que denuncia os modos de existência dos sujeitos e as relações sociais que aí se praticam. Secundariamente, pretende mostrar a discursividade inscrita nos muros pelos pichadores e refletir sobre essas manifestações em que o próprio muro é lugar material de significação; discutir as construções discursivas de identidade da posição-sujeito pichador. A abordagem teórica que norteia este estudo é a da Análise do Discurso (ORLANDI, 2001a, 2001b), (ORLANDI, 2004) e (ORLANDI, 2012). A natureza da pesquisa é qualitativa (CHIZZOTTI, 2001) e o objeto de estudo do presente projeto circunscreve-se no material de análise constituído de um corpus de 10 (dez) pichações.

PALAVRAS-CHAVE: pichações, discurso, identidade, condições de produção.

I INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é mostrar as pichações - letras (grafismos) e desenhos - enquanto material discursivo, nos muros da Universidade Pública, como forma que denuncia os modos de existência dos sujeitos e as relações sociais que aí se praticam.

Para essa proposta de estudo o dispositivo teórico da Análise do Discurso (doravante AD) (ORLANDI, 2001a, 2001b) e (ORLANDI 2004 e 2012) foi o escolhido. Essa vertente teórica se apresenta como uma teoria crítica da linguagem, constituindo uma área do conhecimento, que, por se localizar no entremeio das ciências sociais humanas, centra suas investigações nas relações entre a linguagem e a história, a sociedade e a ideologia, a produção de sentidos e a noção de sujeito.

A especificidade da Análise do Discurso está, segundo Orlandi (2001b, p. 87), em que o objeto acerca do qual ela produz seus resultados não é um objeto só

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UEMG – Frutal, email: guilherme.gl@gmail.com.

³ Orientadora do Trabalho. Professora doutora na UEMG – Frutal, email: leilamf@terra.com.br.



linguístico, mas um objeto sócio-histórico no qual o linguístico intervém como pressuposto. E nessa medida, a AD, ao articular o linguístico ao histórico, coloca a linguagem na relação com os modos de produção social: não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Há, entre os diferentes modos de produção social, um modo específico que é o simbólico. Há, pois, práticas simbólicas significando o social.

A materialidade do simbólico assim concebido é o discurso (ORLANDI, 2001b, p.63). E o discurso, definido em sua materialidade simbólica é “efeito de sentido entre locutores” (PÊCHEUX, 1969), trazendo em si as marcas da articulação da língua com a história para significar. Quando dizemos que o discurso é efeito de sentido entre locutores, estamos pensando o efeito produzido pela inserção da língua na história, regida pelo mecanismo ideológico.

Com efeito, pensar a língua, enquanto discurso, é lugar de interação, de posições discursivas diferentes entre sujeitos situados em contextos diferentes e os reflexos disso na discursividade. É na materialidade linguística que a exterioridade se inscreve e, por isso, o signo se situa num espaço de interlocução, no qual palavras, expressões ou estruturas sintáticas não são, suficientemente, a garantia de sentido para o texto, pois as condições sócio-históricas de produção de um discurso também são constitutivas de suas significações, razão pela qual a AD tem a exterioridade como necessária no processo de análise discursiva.

O desvio provocado pela AD acerca da noção de língua possibilitou o deslocamento também da noção de texto, tomado como unidade de análise significativa em relação à situação discursiva (ORLANDI, 2001b, p. 73). Com efeito, o objetivo da análise de um texto é “compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, sendo ele um objeto linguístico-histórico, ou mais ainda, apreender sua historicidade” (ORLANDI, 2001b, p. 88).

Atualmente, os locais públicos da maioria das cidades brasileiras, como muros, fachadas de edificações, postes, paredes, asfalto de ruas ou monumentos, são constantemente marcados com letras e desenhos inscritos em tinta spray aerosol. Essas inscrições são denominadas pichações e invadem locais de visibilidade do transeunte urbano.

Há nelas uma profusão de textos com distintas superfícies que exploram novas formas de significar, e, nessa medida, as pichações passam aqui a ser vistas, e sentidas, mais especificamente, em sua dimensão textual (ORLANDI, 2004, p. 121).



Sobre isso, Orlandi (2012, p. 209) reforça que as pichações são parte do urbano, ao tematizar que seu cenário é a cidade. Para ela, seu modo de existência é o muro, a parede urbana. Sua forma denuncia os modos de existência dos sujeitos e das relações sociais que aí se inscrevem. O modo como o Estado os individualiza e que resultam em seus processos de identificação: na falta de acesso às instituições, ao ensino, à formação, à construção da cidadania e até mesmo ao espaço público como lugar simbólico de manifestação (ORLANDI, 2012, p. 209).

Não se pode então, segundo ela, pensar a linguagem separada de seu meio material (os muros), suas condições de produção, a conjuntura em que aparece. Isso porque a cidade deve ser concebida como um espaço social dividido, um espaço em que o público está rerefeito, a sociabilidade constrangida e, nessa medida, ela também estará presente nas manifestações da linguagem que este espaço suporta.

Na inscrição dos muros, os sujeitos se inscrevem simbolicamente, ligando-os à sociedade que fazem parte, reivindicando, segundo Orlandi (2012), um lugar, ainda que este seja de fora para dentro. Do lado de lá, a sociedade os hostiliza, colocando-os no lugar da ilegitimidade – pela distinção entre o público e o privado, ao afirmar que o muro é espaço privado, espaço da propriedade.

No entanto, é o gesto da pichação, ensina-nos Orlandi (2012, p. 210), que o representa em sua vontade social: o do que sai do silêncio, o que estabelece uma relação pelo símbolo, com seus outros, igualmente segregados. E se apresentam assim para toda a sociedade. O sinal gráfico, lembra-nos a autora, coloca-o em contato, antes de tudo, consigo mesmo e com os seus (as alianças). No modo como foi individualizado para ser da massa, informe do povo, ele irrompe individualizando-se pelo sinal que ele inscreve, e que o inscreve, no espaço público. O muro é lugar de duas faces: se é privado para dentro, é público para fora. Entre a casa e a rua. A rua é pública (ORLANDI, 2012, p. 2010).

A pichação, para a autora, é ainda a manifestação de um processo identitário na qual individualiza essa forma sujeito urbana que busca estabelecer um laço social por meio das suas marcas. E marca assim um modo de relação com o espaço urbano, na relação entre a rua, entre o público e o privado, re-significando-o.

Diferentes superfícies, diferentes materialidades, diferentes modos de formulação e circulação indicam novas, ou melhor, diferentes formas de textualidade (ORLANDI, 2004, p. 120). E manifestam todas elas nossos modos de relação com o simbólico, mais especificamente, em sua dimensão textual. O muro como uma



superfície diferente, com texturas, tamanhos, cor, extensão, tudo significa nas formas de textualização, nas diversas maneiras de formulação (ORLANDI, 2004, p. 122). Essa nova forma de significar o muro – aponta para diferentes modos do sujeito (se) viver no social (ORLANDI, 2004, p. 122), atestando diferentes formações discursivas. Desse ponto de vista, o sentido das pichações emerge das cores, formas, tamanhos, palavras, desenhos, pelo trabalho da memória, das condições de produção que as determinam e das formações discursivas.

Dado esse contexto, abrimos então um espaço aqui para a análise dessa manifestação da relação entre linguagem e sujeito na qual os muros são lugares materiais de significação. A questão é: como os muros significam enquanto espaço simbólico, como se tornam manifestações discursivas que devem ser pensados em suas condições sócio-históricas, produzindo efeitos de sentido próprios a determinadas condições políticas e ideológicas?

II METODOLOGIA

A natureza da pesquisa é qualitativa (CHIZZOTTI, 2001) e o objeto de estudo do presente projeto circunscreve-se no material de análise que é constituído de um corpus de 10 (dez) pichações – letras (grafismos) e desenhos – fotografados de muros, no período de 10 de abril a 10 de maio de 2014, numa Universidade Pública no estado de São Paulo.

Do ponto de vista discursivo, este projeto se propõe pela análise da materialidade linguística das letras (grafismos) e dos desenhos projetados nas pichações, mostrar a movimentação dos sentidos, as direções de sentido, ou tomadas de posição, o que nos possibilita um modo de ver a política dos sentidos e da sociedade, produzindo identificações e silenciamentos que se projetam no tempo e no espaço.

Uma vez que a AD não visa à exaustividade, optamos por uma amostra representativa – 10 pichações – para as questões propostas objeto de nossa análise. Com efeito, estipulamos que cada pichação fotografada – letras (grafismos) e desenhos – constituir-se-á como uma sequência discursiva que será identificada e numerada, sequencialmente de P1 a P10. A escolha dessas sequências é significativa uma vez que nos possibilitam estabelecer regularidades discursivas, ora para comparar, ora identificar o funcionamento discursivo em análise.

Para mostrar o funcionamento discursivo nas sequências discursivas em análise, mostraremos e descreveremos:

(i) os efeitos de sentidos no processo de significação das letras (grafismos) e desenhos na textualização dos muros, considerando-se quando necessário: a polissemia; as metáforas; os não-ditos; o trabalho da memória discursiva na ressignificação das práticas discursivas passadas e que serão reavivadas no discurso presente dos sujeitos, pois entendemos que para o discurso fazer sentido deve-se retomar os outros sentidos já fixados pela memória e que até podem aparecer no discurso dos sujeitos e que serão, ressignificados a partir dos acontecimentos que envolvem a textualização dos muros; as condições de produção que as determinam e as Formações Discursivas que se inscrevem em torno do funcionamento discursivo das pichações. Ao relacionar formações discursivas distintas, podemos delinear no jogo dos sentidos o processo de significação das letras (grafismos) e desenhos na textualização dos muros.

(ii) o trajeto discursivo das letras (grafismos) e desenhos (formas, simbologia, cores), orientando-se pelas perguntas de pesquisa.

III A ANÁLISE E OS GESTOS DE INTERPRETAÇÃO

Com o objetivo de mostrar, do ponto de vista discursivo, as pichações – letras (grafismos) e desenhos – enquanto material discursivo, nos muros da Universidade Pública, como forma que denuncia os modos de existência dos sujeitos e as relações sociais que aí se praticam, vejamos os nossos gestos de interpretação nas pichações abaixo:



P1

A pichação 1 é um desabafo social expresso em forma de pichação. Na formulação *Luan, mais uma vítima da bala perdida. Quando isso vai acabar?* temos uma relação de interatividade com o leitor, para que este também reflita sobre a situação abordada pelo sujeito pichador. Nesse contexto, é possível identificar o trajeto de sentidos entre o sujeito pichador e seu leitor. Trajeto esse que busca trazer o leitor para a condição que

incomoda o sujeito pichador e deve também incomodar o público. O sujeito pichador instiga outros sujeitos sociais a se inscreverem nessa preocupação cidadã.

A pichação se formula com a utilização de cores que influenciam no sentido de agressividade e morte. Com base na semiótica das cores, a cor branca utilizada em torno da pichação, como se fosse à parte da condição abordada pelo sujeito pichador, remete a paz e infinidade. No contexto da pichação, ao fundo, temos a cor cinza que remete a falta de vida, sentido esse que é intensificado com a utilização da escrita em cor preta que está associada à ideia de morte, luto e terror.

Na pichação 1, o sujeito pichador se significa como denunciante da violência urbana. Luan é alguém do convívio do pichador, este que utiliza a pichação como forma de demonstrar seu inconformismo, seu desabafo. A pichação sai do eixo de criminalidade para a condição de posição de inconformismo dessa situação que a cidade proporciona. Assim, o muro se apresenta como lugar de contestação e não como lugar de marginalidade. Como forma de requerer outra condição de cidade. Desejo de outro lugar, sem violência, sem insegurança, sem bala perdida. A identidade do sujeito pichador se constrói como sujeito que se opõe a essa condição de cidade que mata ao invés de dar condições de vida aos seus cidadãos. Que cidade é essa que alija meus direitos? Que mata meus amigos? Que não oferece segurança?

O sujeito pichador inscreve sua identidade na discursividade da pichação como alguém que não concorda com esse mal estar social (crime, violência, bala perdida, morte, brutalidade) que a cidade nos impõe. Com sua indagação *quando isso vai acabar?*, ele convida o leitor a sair de sua zona de conforto e se juntar a ele, para também refletir e se posicionar contra a violência presente na no contexto urbano atual.

A pichação 2 se formula com a representação de um urso que, de acordo com a simbologia, remete a alma bondosa que se esconde por detrás de uma figura imponente. Na cor branca, representando a paz, o urso faz analogia à criança, uma vez que o urso de pelúcia é um objeto ligado diretamente à



P2

infância e, logo, à inocência. A cabeça decepada e o sangue representam a quebra da infância, representada pela morte. A maçã, observada também na pichação, representa luxúria e morte, como na Bíblia em que a maçã é representada como o desejo e pecado. Nesse caso, o rompimento da infância a partir de abusos sexuais à criança, tal como pedofilia. O urso morto representa a quebra da inocência da criança, sendo esta morte representada literalmente após a criança sofrer abuso e perder a vida ou no sentido dessa criança continuar viva após o abuso, mas perder sua inocência que é então substituída por traumas. Ainda analisando o texto, temos a representação de um porco alado que, nesse contexto, é possível ter um gesto de interpretação que o associe às tendências obscuras do ser, como a impuridade, luxúria e ignorância, características do abusador. As asas do porco relacionam-se com a imaginação da criança, oriunda de sua inocência, podendo fazê-la ver este sujeito de maneira não maliciosa. As nuvens representadas ao fundo enfatizam o sentimento de coisa oculta e nebulosidade, também associadas à transformação sofrida pela criança a partir desse acontecimento.

Nas condições de produção temos um sujeito pichador que pode já ter sido vítima desse tipo de agressão no passado ou apenas que queira denunciar essa condição, construindo assim sua identidade inconformada e contrária aos abusos sexuais que sofrem as crianças. Por meio da pichação, o sujeito pichador busca criar um laço com a sociedade a fim de combater as agressões sexuais infantis que por vezes norteiam nosso presente. Mais uma vez o muro torna-se lugar material para denúncia e desabafo.



P3

Na formulação da pichação 3, temos uma árvore colorida em que os frutos ou flores ou folhas são caracterizados como corações, seguida da frase *Eu planto...* e também da assinatura do sujeito pichador, neste caso, *Karol 2009*.

Observando pelo contexto sócio-histórico, entendemos que a pichação se estabeleceu no muro de uma Universidade com o propósito de conscientização dos jovens que exercem atividades dentro dela e até mesmo da sociedade que por ali circula. O efeito de sentido depreendido da pichação é ainda mais intensificado por conta das

cores que reforçam o discurso feito pelo sujeito pichador. O coração, símbolo de amor, tem esta característica reforçada com a utilização da cor rosa, que representa ternura e suavidade. A cor verde representa o pigmento das folhas, mas também carrega os significados de esperança e liberdade. Dessa forma, formula-se a identidade de um sujeito pichador que apela à sociedade a importância de se plantar o amor, de cultivá-lo e disseminá-lo no contexto urbano, esse que se apresenta cada dia mais agressivo e ameaçador aos cidadãos.

A pichação denuncia o excesso de violência que hoje domina o meio urbano, que causa mortes, abusos e dor. Brutalidade essa que só tem seu espaço devido à falta do amor de um indivíduo para com o outro. Portanto, o sujeito pichador, que nesse contexto é denominado como Karol 2009, utiliza o muro como lugar material de apelo por amor, por uma sociedade menos agressiva e mais harmoniosa.

A assinatura do sujeito pichador surge como uma construção identitária, em que seu nome é grifado para que outros pichadores ou grupos, e até mesmo a população, saibam que aquelas letras (grafismos) e desenhos são de sua autoria, fruto de sua personalidade e senso crítico.

Na formulação da pichação 4, temos a representação de uma placa, inclusive com os pregos a “fixando” no muro da Universidade, em que se tem inscrito a palavra *salve* acompanhada da sigla *SPM*. Numa análise mais aprofundada sobre a sigla, encontramos que, no contexto no qual a pichação se inscreve, *SPM* significa “Só Pancada Monstro”, nomeação de um grupo (ganguê) que circula pela cidade de São José do Rio Preto/SP.



P4

A palavra *Salve* é utilizada com a intensão de endeusamento ao próprio grupo, no sentido de marcar suas ações, seu território, sua identidade. A placa de interdição reforça a demarcação de território, uma forma do sujeito pichador e seu grupo expressarem que aquele lugar pertence a eles. A identidade do sujeito, dessa forma, se formula como indivíduo dominante daquele espaço urbano, visando deixar claro aos cidadãos e outros grupos de pichadores ou gangues o seu domínio naquele território.

Nesse contexto, o muro deixa de ser um lugar material para se expressar denúncia, abusos ou qualquer outro mal estar urbano como é visto na maioria das pichações aqui analisadas, existindo apenas para fixar identidade de grupos marginais e suas dominâncias de espaço.



P5

A pichação 5 se formula pela representação de uma mulher com traços afrodescentes, baseado no rosto, cabelo e no spray cor preta utilizado em excesso, particularmente no corpo da mulher, em uma posição de corpo reclinado para trás, o que sugere conforto, enquanto segura em sua mão uma corrente que leva a um cachorro alado. Ao fundo, temos a palavra *Serena* em cor branca que, dialogando com o desenho à frente, intensifica o sentido de a mulher estar numa posição calma, tranquila, portanto, serena.

Pela memória discursiva evocada e também por fatores inconscientes como ideologia e formação social do sujeito, o leitor depreende o efeito de sentido derivado da pichação que passa pelo processo sócio-histórico, no qual é possível observar a pichação pelo contexto da escravidão, quando negros eram tidos como inferiores num passado ainda recente na nossa sociedade. Contrastando a isso, temos a pichação em que a mulher negra está em posição oposta, como pessoa livre e que tem em mãos a possibilidade de também aprisionar. O cachorro de grande porte sinaliza agressividade, ao enfatizar o sentido de que a mulher negra hoje é sujeita ativa que pode definir seus rumos e percursos, dominando até mesmo um ser agressivo, nesse caso, representado metaforicamente pelo cão.

Nas condições de produção, temos um sujeito pichador que pode estar inserido nesse grupo ou que enxerga essa mudança e queira expor a sociedade sua opinião contrária à segregação. Sujeito esse que se significa na pichação como alguém que vê a mulher, principalmente a negra, como alguém incluído numa nova condição, como dona de seu caminho e com a capacidade de escolha própria, livre para estar no mercado de trabalho, dentro das universidades e demais espaços urbanos.

A pichação 6 formula-se a partir da representação de uma criança vestindo luvas de boxe e com as mãos em posição de luta. Nas luvas, temos as letras *B* e *O*. Ao lado da criança, um balão de diálogo com os dizeres



P6

USE THEM, palavras em inglês que traduzidas significam *USE-AS*, referindo às luvas de boxe, ou seja, ao *B.O.*

Ao considerar o meio urbano e o seu contexto de violência (mal estar) durante a análise, as letras *B* e *O* gravadas nas luvas de boxe incorporam o significado de “Boletim de Ocorrência”, o qual é também conhecido pela sigla “B.O.”.

O sujeito-pichador se significa na pichação e compõe a identidade de alguém que utiliza o muro como lugar material para denunciar o mal estar urbano e, principalmente, incentivar a sociedade a “revidar” essa violência a partir da denúncia, da constatação legal da violência sofrida, ou seja, a partir do documento que formaliza a notícia do crime perante a polícia, o B.O., sendo possível a partir dele se abrir uma apuração policial para que o criminoso seja punido. Dessa forma, o sujeito formula o sentido de que o Boletim de Ocorrência é uma ferramenta que deve ser utilizada pelo cidadão como defesa. Assim como as luvas na luta de boxe, devemos utilizar o B.O. para nos defender da violência urbana.

Mais uma vez, o muro da Universidade apresenta-se como lugar onde é possível denunciar os problemas urbanos. Um grito de apelo à sociedade.



P7

A formulação do objeto P7 se dá pela escrita *Pela ganja, ganja e marijuana* na cor laranja. No contexto urbano, as drogas psicoativas e medicamentos derivados da planta do gênero *Cannabis* são conhecidos principalmente como maconha, mas também nomeadas como “ganja”, derivado da

palavra *ganjika*, e “marijuana”, derivada do espanhol mexicano. A cor laranja está associada à criatividade devido ao seu uso despertar a mente e auxiliar no processo de assimilação de novas ideias, o que reforça o gesto de interpretação de que o sujeito pichador se significa na pichação e processa sua identidade como alguém que luta em favor da utilização da maconha, pelo livre uso descriminalizado.

Na conjuntura sócio histórica, a legalização e comercialização da maconha são assuntos polêmicos bastante tratados nas esferas políticas e sociais, das quais surgem opiniões contrárias e até mesmo manifestações populares, como a Marcha da Maconha.

Dessa forma, o muro torna-se lugar material no qual indivíduos considerados como excluídos ou rebeldes que vão contra a moral e lei estabelecidas pelo Estado, expõe seu pensamento e apelo à sociedade. O sujeito-pichador expõe sua apelação ao uso da maconha, contrariando ao que é imposto pelo Estado.

A pichação 8 formula-se a partir de balões de diálogos preenchidos com as palavras *Paz, Liberdade, Respeito e Felicidade* na cor verde, além de outros na cor rosa e algumas abreviações de assinatura.



P8

Diante das pichações presentes no muro que circunda a universidade pública em questão, surgem gestos de interpretações diretamente relacionados com o contexto urbano, principalmente seu mal-estar. A pichação 8 tem em sua condição de produção a busca pelo fim dessa violência que agride a sociedade, apelando aos sentimentos pacíficos. O sujeito-pichador se inscreve na pichação como alguém que prega mais amor, liberdade, felicidade e respeito nas relações entre pessoas e no espaço urbano. A utilização das cores reforça o seu discurso, uma vez que o verde está assimilado à liberdade e esperança, e a cor rosa à ingenuidade e ternura.

Aqui, o muro deixa de ser um lugar material de denúncia do mal estar urbano, mas uma forma de apelo a mais sentimentos pacíficos na sociedade.



P9

A pichação 9 formula-se com a frase *Jamais será esquecido*, seguida do número 08, em cor preta. Baseado no contexto urbano onde a pichação se insere, depreendemos que a pichação em questão foi criada pelo sujeito-pichador a partir do inconformismo do mesmo ao perder algo/alguém ou sofrer uma violência que o leva à condição de expressar sua inconformação. Naquele espaço onde está inserido, algum acontecimento traumático (morte, violência, crime, abuso) fez com que o sujeito pichador utilizasse o muro como lugar material onde é possível expressar sua revolta e inconformismo. No caso de morte de alguém próximo ao sujeito e acarretada pela violência urbana, a palavra sublinhada *esquecido* refere-se não apenas à falta que o indivíduo causará a família e amigos, mas no sentido de ser apenas mais uma vítima da brutalidade urbana, que normalmente é esquecida com o surgimento de outras mortes também ocasionadas pelo mesmo meio. Na discursividade da pichação, está inscrita a identidade do sujeito como alguém que utiliza a pichação como forma de desabafo, de expressar a sociedade sobre um sentimento seu que existe decorrente daquilo que o espaço urbano o causou. O número 08, abaixo da frase, é interpretado como a assinatura do sujeito ou uma forma do mesmo marcar sua pichação numericamente ou referir-se ao indivíduo ou fato ou coisa que motivou a realização da pichação.



P10

A pichação 10 formula-se com a escrita em vermelho *BAPHO'S GANG!*, seguida de *AxB*. O termo “gang” (inglês americano) ou “gangue” (português) está associado a “quadrilha”, “bando”, “associação criminosa”, todas estas atribuídas a grupo de indivíduos que se reúnem com o objetivo de práticas ilegais.

Nesse caso, o sujeito se significa em sua pichação como alguém inserido na *gang Bapho's* e que busca marcar aquele território urbano como pertencente à sua



turma, tendo ela influência sobre aquele local. Pelo contexto sócio-histórico, as gangues atuantes numa mesma área urbana têm como tendência a rivalidade, sendo a demarcação do território uma forma de um grupo se impor ao outro, o que explica a discursivização da pichação agora analisada. O muro, então, torna-se local material no qual sujeito criminoso inserido na gangue pode fixar a identidade de seu grupo e expressar a outros grupos e a sociedade que aquele ambiente pertence a ele. O termo *AxB* é interpretado como a assinatura do sujeito integrante da *Bapho's Gang*.

IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao mostrar o funcionamento discursivo das pichações, verificamos o lugar discursivo nas ancoragens de análise: o resgate de uma memória que instiga a sociedade acerca do papel da mulher negra; a de denúncia das tensões urbanas enquanto mal-estar social: a violência (bala perdida), a infância roubada, seja pela exploração do trabalho infantil, seja pelo apelo sexual (prostituição, pedofilia) e a fixação da dominância de grupos urbanos. De maneira regular, ora o muro se fez lugar material de denuncia ao mal estar urbano, ora de demarcação de território.

V REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERNANDES, E. M. da F. Pichações: discursos de resistência conforme Foucault. 10.4025/actascilangcult.v33i2.13864. **Acta Scientiarum**. Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá, v. 33, n. 2, p. 241-249, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

FURTADO, J. R.; ZANELLA, A. V. Graffiti e pichação: relações estéticas e intervenções urbanas. **Visualidades**. v.7 n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/VISUAL/article/view/18123/10812-FAVI> UFG>. Acesso em: 28 set. 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 3 ed., 2001a.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001b.



_____. Análise de Discurso. In : ORLANDI, E. P. e LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006, p. 11-31.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad., Eni Pulcinelli Orlandi. 3 ed., Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. Análise automática do discurso (AAD – 69). In: GADET, F. e HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: EDUNICAMP, 1990, p. 61 – 162.

PENACHIN, Deborah Lopes. **Signos subversivos**: das significações do graffiti e pichação. XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG. 2003.

WANDERLEY, C. O corpo, a cidade: repetição. In: ORLANDI, E. P. **Cidade Atravessada** : os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Editora Pontes, 2001.